

PUXADA PELAS RESIDÊNCIAS, DEMANDA DE ENERGIA ELÉTRICA NO PAÍS CRESCE 2,7%

O CONSUMO NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA totalizou, em fevereiro de 2013, 37.893 gigawatts-hora (GWh), 2,7% acima do valor registrado no mesmo mês do ano anterior. O consumo residencial apresentou a maior taxa de expansão, anotando 7,9% – repercutindo as temperaturas elevadas registradas no segundo mês deste ano. Já o consumo industrial recuou 2,4%, refletindo influência do dia útil a mais que teve fevereiro no ano de 2012. O consumo comercial cresceu 5,9%. No acumulado de 12 meses, o consumo total cresceu 3,7%, destacando-se o crescimento de 6,1% no mercado livre. ■

CONSUMO COMERCIAL

APRESENTA ALTA DE 5,9%

Os fatores conjunturais que repercutiram no comportamento do consumo residencial estendem sua influência também à performance da classe comercial, igualmente atendida, em sua grande maioria, na rede de baixa tensão. Assim, temperatura e ciclo de faturamento relativamente maior (maior número de dias faturados) explicam o crescimento do consumo nas regiões Nordeste (+11%) e no Centro-Oeste (+7,1%), com destaque, neste caso, para Mato Grosso do Sul (+11,6%), como efeito multiplicador do desempenho favorável das atividades relacionadas ao agronegócio, e Distrito Federal, que concentra 30% do consumo regional desta categoria e onde o consumo se expandiu 7,4%.

Da mesma forma, os fatores conjunturais afetaram o consumo comercial no Sul (+1%), observando-se recuo de 1,4% no Rio Grande do Sul.

Em São Paulo, principal mercado da região Sudeste (+6,3%) e do país, o consumo comercial de energia cresceu 7,4%, em parte ainda reflexo da expansão das atividades comerciais (aumento da área bruta locável de *shopping centers*). O mercado do Rio de Janeiro, teve crescimento de 5%. São Paulo e Rio respondem por 80% do consumo comercial da região. ■

CONSUMO RESIDENCIAL MANTÉM RITMO FORTE: 7,9%

■ DESTAQUE FOI O NORDESTE, ONDE CRESCIMENTO FOI DE 16,3%

O consumo de energia elétrica pelas famílias brasileiras cresceu 7,9% em fevereiro deste ano, com destaque para a região Nordeste, onde a taxa de expansão foi de 16,3%.

Temperaturas elevadas e ciclo de faturamento mais longo explicam a evolução de 16,3% no consumo residencial na Bahia. Em todos os dias do mês a temperatura esteve em média 3°C acima do normal esperado (30°C). Esses mesmos fatores explicam o crescimento de 19,3% apurado no Ceará e de 13,2% em Pernambuco. Os três estados representam 60% do consumo residencial da região Nordeste.

A temperatura também foi determinante no crescimento do consumo nas regiões Norte e Centro-Oeste, com destaque para o Pará (+12%) e o Distrito Federal (+12,5%).

Na região Sul, ao reverso, observou-se que, de um modo geral, as

temperaturas estiveram abaixo das médias de 2012 e mesmo das médias históricas. No Rio Grande do Sul, as temperaturas máximas foram, em média, 3°C mais baixas. Assim, apesar do crescimento de 2,8% no número de consumidores, o consumo residencial manteve-se estável em relação a fevereiro de 2012.

Em São Paulo, principal mercado da região Sudeste, o consumo residencial apresentou crescimento de 8,2%, em grande parte devido a um ciclo de faturamento um pouco mais longo. Porém, mesmo corrigindo este efeito, a variação no consumo foi ainda elevada, de 6,6%, embora mais próxima da taxa de expansão acumulada nos últimos 12 meses, 5,9%.

O aumento da renda e o elevado nível de emprego persistem como fatores estruturais que explicam a expansão de 6,4% no consumo residencial de energia nos últimos 12 meses. ■

CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NA REDE

	CONSUMO CATIVO			CONSUMO LIVRE		
	TWh	Δ %		TWh	Δ %	
Fevereiro	28,0	2,6	▲	9,9	2,8	▲
12 meses	330,1	2,9	▲	121,1	6,1	▲

CONSUMO INDUSTRIAL DE ELETRICIDADE CRESCE 1,4% EM RELAÇÃO A JANEIRO

Os sinais de recuperação do consumo industrial de energia elétrica, que alcançou 14,7 mil GWh em fevereiro, ainda não são homogêneos. Embora na comparação com o mesmo mês do ano anterior tenha ocorrido queda de 2,4%, deve-se lembrar que aquele foi um ano bissexto. Para expurgar este efeito, calculou-se o consumo industrial médio diário: em fevereiro de 2012, o consumo foi de 519,5 GWh por dia; em fevereiro deste ano, 525 GWh, o que indica um crescimento de 1,1%. Ou seja, um dia útil a mais significou 3,5 pontos percentuais na variação do consumo industrial de eletricidade.

Na comparação com janeiro, retirando-se os efeitos sazonais, observou-se crescimento de 1,4%.

Em relação a fevereiro de 2012, mesmo sem considerar o efeito calendário, houve crescimento do consumo industrial em Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Bahia, que representam quase 60% do consumo da classe no Nordeste. A demanda conjunta desses estados aumentou 4,6% neste mês. Outros mercados em destaque foram Rio de Janeiro (+6,3%) e Espírito Santo (+4%).

Nestes primeiros meses de 2013, o comportamento do consumo de energia de toda a classe industrial esteve fortemente condicionado pela retração dos setores da metalurgia do alumínio e da siderurgia, incluindo aí o segmento de ferroligas. Note-se que todas são indústrias energointensivas. De fato, a partir de dados da Associação Brasileira do Alumínio, pode-se estimar que a ocupação da capacidade produtiva nesse ramo da indústria caiu, do ano passado para este, de aproximadamente 98% para algo em torno de 93%. No caso da siderurgia, é indicativo da performance setorial a queda de 6% na produção de aços longos. Isso se refletiu no consumo de energia no Maranhão (-14,6%), Pará (-12,9%), Minas Gerais (-9%) e Goiás (-5,5%). Já em São Paulo, onde também há importante presença desses setores, mas onde a diversificação industrial é mais

ampla, o consumo industrial cresceu 1,1% no mês.

No caso de ferroligas, em particular, além da influência direta que o setor sofre da siderurgia, há um *trade-off* entre seu custo de produção e o preço da energia. Assim, como já ocorreu no passado em conjunturas semelhantes, o preço elevado da energia no mercado de curto prazo enseja comercialização de parcela do contrato de energia desses consumidores, ainda que isso possa significar redução da produção.

O efeito da retração da produção do alumínio e da siderurgia (incluindo ferroligas) foi de fato importante no contexto geral do consumo industrial. A menos desses setores, a queda no consumo industrial foi de apenas 1%, em relação a fevereiro de 2012 (sem considerar o efeito calendário).

Além do contexto da indústria eletrointensiva paraense, concorreu para a queda da demanda industrial da região Norte o recuo na produção da Zona Franca de Manaus, em especial os segmentos de material e aparelhos eletrônicos e de motocicletas. No Amazonas, o consumo industrial recuou 21,2% em fevereiro. ■



Crédito: Banco de Imagens da Aneel

Mais 1,8 milhão de novos consumidores residenciais em 2012

No ano de 2012 foram incorporados à base de consumidores residenciais aproximadamente 1,8 milhão de novas unidades, um acréscimo de 3% sobre o ano de 2011. Ao final de 2012 estavam registrados no cadastro das concessionárias de distribuição cerca de 61,7 milhões de consumidores residenciais.

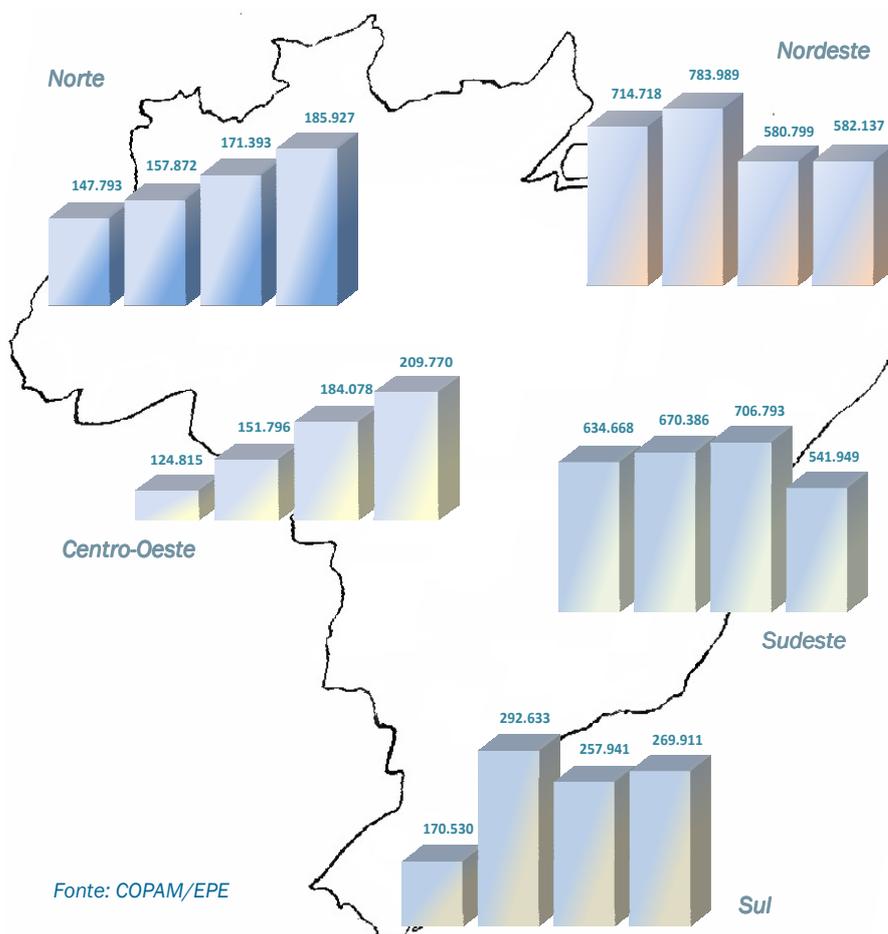
Apesar de expressivo, o crescimento de 2012 é menor em cerca de 100 mil unidades do que a média de crescimento observada nos três anos imediatamente anteriores (2009 a 2011).

Em cada região do país, observa-se comportamento diferenciado (ver gráfico, onde está indicado o acréscimo anual do número de consumidores residenciais entre 2009 e 2012). No Norte e no Centro-Oeste, refletindo a maior dinâmica sociodemográfica dessas áreas, o número de consumidores residenciais segue em crescimento continuado. No Nordeste, por influência do natural arrefecimento do Programa Luz para Todos na região, o número de novas ligações caiu em 2011 para cerca de 580 mil, patamar que praticamente se manteve

em 2012. No Sul, o ingresso de novos consumidores no último ano esteve apenas um pouco abaixo da média de 2010 e 2011, considerando que o ano de 2009 foi atípico. No Sudeste percebeu-se um recuo importante na média de novas ligações. Em parte, essa redução é explicada por um recadastramento operado por uma das maiores concessionárias da região, processo pelo qual foram retiradas 80 mil registros de sua base de consumidores. Porém, mesmo que se desconsidere o efeito dessa iniciativa, a média de novas ligações em 2012 foi ainda inferior à registrada em 2009.

A queda da média de novas ligações residenciais na região pode estar relacionada à queda no número de financiamentos habitacionais concedidos. É verdade que essa queda ocorreu em todas as regiões do país, mas o efeito dessa variação sobre a base de consumidores residenciais de energia elétrica pode ser mais sentido nas regiões Sudeste e Sul em razão da taxa de atendimento (acesso ao serviço de energia elétrica) ser mais elevada nessas regiões.■

Ingresso de unidades residenciais por ano, de 2009 a 2012



ESTATÍSTICA DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NA REDE (GWh)

REGIÃO/CLASSE	EM FEVEREIRO			ATÉ FEVEREIRO			12 MESES		
	2013	2012	%	2013	2012	%	2013	2012	%
BRASIL	37.893	36.914	2,7	76.197	73.269	4,0	451.204	434.981	3,7
RESIDENCIAL	10.451	9.688	7,9	21.363	19.481	9,7	119.448	112.237	6,4
INDUSTRIAL	14.699	15.066	-2,4	28.998	29.665	-2,2	182.805	184.287	-0,8
COMERCIAL	7.013	6.620	5,9	14.207	13.098	8,5	80.395	73.998	8,6
OUTROS	5.730	5.540	3,4	11.628	11.025	5,5	68.556	64.460	6,4
CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA									
SISTEMAS ISOLADOS	629	644	-2,3	1.283	1.251	2,6	7.846	7.353	6,7
NORTE INTERLIGADO	2.272	2.395	-5,1	4.648	4.919	-5,5	29.180	30.176	-3,3
NORDESTE	5.676	5.051	12,4	11.397	10.334	10,3	64.785	60.581	6,9
SUDESTE/C.OESTE	22.558	21.987	2,6	45.475	43.516	4,5	271.163	261.942	3,5
SUL	6.759	6.838	-1,2	13.394	13.249	1,1	78.230	74.929	4,4
REGIÕES GEOGRÁFICAS									
NORTE	2.252	2.331	-3,4	4.604	4.709	-2,2	28.771	28.204	2,0
RESIDENCIAL	560	503	11,3	1.138	1.028	10,7	6.872	6.273	9,6
INDUSTRIAL	1.050	1.212	-13,3	2.157	2.442	-11,7	13.829	14.452	-4,3
COMERCIAL	332	318	4,3	679	636	6,8	4.184	3.796	10,2
OUTROS	310	298	4,1	630	603	4,5	3.885	3.683	5,5
NORDESTE	6.567	5.986	9,7	13.217	12.256	7,8	76.241	72.679	4,9
RESIDENCIAL	1.971	1.695	16,3	3.968	3.512	13,0	21.751	20.325	7,0
INDUSTRIAL	2.278	2.315	-1,6	4.687	4.695	-0,2	28.788	29.035	-0,8
COMERCIAL	1.037	934	11,0	2.077	1.905	9,1	11.770	10.903	8,0
OUTROS	1.281	1.041	23,0	2.484	2.145	15,8	13.931	12.417	12,2
SUDESTE	19.766	19.334	2,2	39.828	38.260	4,1	236.868	230.462	2,8
RESIDENCIAL	5.411	5.103	6,0	11.161	10.243	9,0	62.512	59.252	5,5
INDUSTRIAL	8.177	8.301	-1,5	15.993	16.306	-1,9	100.457	102.156	-1,7
COMERCIAL	3.830	3.603	6,3	7.818	7.128	9,7	44.055	40.533	8,7
OUTROS	2.347	2.327	0,9	4.855	4.583	5,9	29.843	28.521	4,6
SUL	6.759	6.838	-1,2	13.394	13.249	1,1	78.230	74.929	4,4
RESIDENCIAL	1.712	1.658	3,2	3.470	3.242	7,0	18.921	17.781	6,4
INDUSTRIAL	2.509	2.559	-2,0	4.794	4.874	-1,6	31.218	30.764	1,5
COMERCIAL	1.259	1.246	1,0	2.522	2.412	4,6	13.857	12.790	8,3
OUTROS	1.279	1.375	-6,9	2.607	2.721	-4,2	14.235	13.595	4,7
CENTRO-OESTE	2.550	2.424	5,2	5.155	4.795	7,5	31.095	28.706	8,3
RESIDENCIAL	796	728	9,5	1.625	1.457	11,5	9.392	8.605	9,1
INDUSTRIAL	686	679	0,9	1.367	1.348	1,4	8.512	7.881	8,0
COMERCIAL	555	518	7,1	1.111	1.017	9,2	6.530	5.976	9,3
OUTROS	513	499	2,6	1.052	972	8,2	6.662	6.243	6,7

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica - COPAM/EPE. Dados preliminares.



RESENHA

Mensal do Mercado de Energia Elétrica

Presidente

Maurício T. Tolmasquim

Diretor de Economia da Energia e Meio Ambiente

Amílcar Guerreiro

Diretor de Energia Elétrica

José Carlos Miranda Farias

Diretor de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis

Elson Nunes

Diretor de Gestão Corporativa

Alvaro Henrique Matias Pereira

Coordenação Geral

Maurício T. Tolmasquim

Amílcar Guerreiro

Coordenação Executiva

Ricardo Gorini de Oliveira

Revisão Técnica

José Manuel David

Equipe Técnica

Carla da Costa Lopes Achão
(coordenação)

Jéssica da Silva Ferreira (estagiária)

Leticia Fernandes R. da Silva

Simone Saviolo Rocha

Comunicação e Imprensa

Oldon Machado